

## ARCO-ÍRIS SERTANEJO: A LUZ DA OBRA DE ELOMAR DECOMPOSTA EM UM ESPECTRO DE CORES

Carlos Costa

*“Todo cantador errante traz no peito uma mazela; na alma a lua brilhante, estrada e som de cancela.” A frase está em “Desafio”, o último canto da ópera Auto da Catingueira, de Elomar Figueira Mello (Vitória da Conquista, Bahia, 1937). Recorro à frase como a um prisma, para o exercício de decompor a luz do artista em suas cores.*

A primeira cor é a da formalidade apurada dessa frase e dessa obra – nos campos da literatura e da música. Elomar surgiu na cena cultural em 1968 e seguiu um caminho particular, em que garantiu espaço no segmento mais refinado, manteve diálogo com uma legião fiel de fãs e nunca cedeu a apelos do mercado. Escreveu romances, peças de teatro e construiu um monumento musical que se divide em duas veredas: o cancionero e um conjunto de músicas cultas (óperas, antífonas, concertos e sinfonias). Em tudo, reprocessa influências diversas e imprime sua verdade.

Outra cor para o conteúdo – um retrato lírico e profundo do universo arquetípico sertanejo, com seus personagens (pessoas simples, que erram pela terra em busca do destino), paisagens (o semiárido nordestino,

uma das mais povoadas regiões de terras secas do planeta), situações (histórias de amor e desencontros, morte e vida) e, inclusive, um idioma próprio chamado “sertanezo”. O sertão profundo eternizado nesse vasto e vivo conjunto, com lua minguante e som de cancela.

Mais uma cor para a sensibilidade que faz sua arte universal. Esse cantador errante é um pouco de Elomar, de mim, dos meus ídolos; é um pouco de você, se você quiser se perder e se achar. Representa um homem que assume as feridas do peito e segue seu destino. Samurai, monge, beduíno, vagamundo, cangaceiro, águia cruzando os ares. Atravessa tempos, territórios e culturas.

O prisma revela mais cores. As cores da obsessão, da solidão e da incompatibilidade entre esse artista errante e o mundo. A

frase está na canção de uma ópera, território que Elomar explora há mais de 30 anos, mas a maior parte continua inédita. Nos shows que realiza, interpreta uma ou outra peça, cenas dispersas sempre intercalando com músicas do cancionero. “Quem vai montar uma ópera sertaneja de um músico autodidata recluso no sertão da Bahia?”, questiona há anos.

E assim chegamos à cor da contradição. Elomar move um público que lota todas as suas apresentações. Mas ele não canta o que quer, como quer. Está sempre se equilibrando entre o cancionero e o projeto da música culta.

### Ocupação Elomar

Em 2015, Elomar foi homenageado no programa **Ocupação Itaú Cultural** ([itau-cultural.org.br/ocupacao/elomar/](http://itau-cultural.org.br/ocupacao/elomar/)) – uma das principais atividades do instituto, que consiste em uma série de exposições a partir de acervos representativos no conjunto da cultura brasileira, com o objetivo de resgatar essa memória no contexto contemporâneo. A exposição ocorreu na sede do Itaú Cultural, em São Paulo, e contou com três concertos no Auditório Ibirapuera.

Elomar costuma dizer que o tempo ordinário, que marca os relógios e os calendários, não importa, o que torna memória e contemporaneidade faces da mesma essência, a vida.

Em paralelo com o processo de pesquisa para a Ocupação, o Banco Itaú apoiou a digitalização do acervo do artista e a construção de um arquivo para a guarda do material. A obra foi finalizada neste ano, na Casa dos Carneiros – uma fazenda localizada no

povoado da Gameleira, zona rural de Vitória da Conquista (BA), que funciona como um centro cultural e é onde o músico vive, compõe, cria bodes e, às vezes, se apresenta.

Formado em arquitetura, Elomar fez o projeto do edifício do acervo, que é redondo como um curral de bodes, com vidros no teto e nas laterais para aproveitamento da luz da caatinga. Batizou de Arquivos Implacáveis da Casa dos Carneiros.

Em 2015, integrando a equipe de pesquisa do Itaú Cultural, estive pela primeira vez na Casa dos Carneiros. O acervo estava em pleno processo de organização e higienização, mais vivo que nunca. Inclusive porque, durante essa atividade, em que um grupo de pesquisadores organizava manuscritos, partituras, fotos e outros documentos, o artista invadia o espaço, geralmente sem ser visto, e levava papéis, fitas cassete e outros objetos para seu quarto, sem dar satisfação a ninguém. Afinal, aquilo tudo era dele e um pouco dele.

Em 2015, eu me apaixonei por Elomar e mergulhei em sua obra. Com o cancionero, vivi minha epifania. Vasculhei minhas origens, descobri que parte dos meus ancestrais vieram do sertão. Tornei-me um cavaleiro do mestre Elomar.

Um dia, na feira em Vitória da Conquista, olhando uma barraca de flores, eu e mais uma integrante do grupo, Cristiane Zago, resolvemos levar um buquê para Elomar. Receoso de sua reação, esquivei-me da entrega, deixando para a dama a graça. Logo depois, as flores estavam na sala de pesquisa, em um jarro, e Cristiane contava que ele, emocionado ao receber, revelou que era a primeira vez na vida que ganhava flores.

## Jerusa e Juraci

O prisma segue gerando cores diversas no arco-íris sertanejo. Elomar é exagero e multiplicidade, ao mesmo tempo que simples e único. Pode passar horas falando sobre o tempo, os ciganos, as criações; mas pouco fala de si mesmo. Para acessá-lo melhor, a equipe que organizou a exposição recorreu a outras pessoas. A primeira foi a ensaísta e professora Jerusa Pires Ferreira (Feira de Santana, Bahia, 1938), especialista em literatura medieval e de cordel, entre outras qualificações, e amiga pessoal de Elomar.

Na casa de Jerusa, ocorreram encontros para conversar sobre o Bode – alcunha que Elomar carrega desde jovem e diz, sem pudor, que vem de sua aversão à água. Ouvindo músicas, recebendo outros convidados sertanejos, como o músico Lirinha (José Paes de Lira Filho, Arcoverde, Pernambuco, 1976) e a poeta Micheline Verunschik (Recife, Pernambuco, 1972), admiradores do artista, ouvimos histórias do Bode em São Paulo, na Bahia, na Europa e aprendemos sobre o diálogo da tradição medieval com a sertaneja.

Outro integrante se juntou ao grupo, o artista visual Juraci Dórea (Feira de Santana, Bahia, 1944), que além de suas histórias chegou com a missão de munir a equipe do projeto de desenhos para ilustrar desde a divulgação da exposição até os produtos que seriam desenvolvidos – site, publicação etc. –, porque Elomar não se deixa fotografar nem filmar. “Imagem não revela obra”, defende.

Seguindo o processo, a equipe montou a exposição na Avenida Paulista e recebeu o artista no dia da inauguração, de manhã cedo, pois o cantor queria conhecer

a Ocupação e ir embora antes da abertura oficial. Esperamos Elomar para lhe mostrar o espaço na expectativa de sua reação. A chegada dele foi mágica, como tudo que o envolve. Educado, sensível, passeou pela mostra, reconheceu-se, agradeceu e foi embora, deixando suas bênçãos.

## A toada e o rompante

Minha maior surpresa, com todo o processo, foi perceber como um dos temas caros a Elomar, o aboio, se transformou em um elemento de ligação em tudo o que fizemos, sem a intenção consciente de ninguém. O aboio é um canto ancestral usado para guiar boiadas, que foi passando dos mouros para os portugueses, para os sertanejos. O vaqueiro aboiador é um pouco de Pã, flautista mágico, dos encantadores de serpentes, dos xamãs indígenas, dos sacerdotes africanos; dos que fazem da música uma ponte com o sagrado e comandam espíritos, animais, a natureza.

Há uma música espetacular do cancionero, “Chula no Terreiro”, que narra uma sequência de mortes, com uma melodia dolente em que o violão de Elomar caminha pelas mazelas que moram em nosso peito. No final da canção, um aboio encantado soa pela Serra da Carantonha, evocada na música e real na paisagem do sertão profundo.


Foi nesse lugar que eu vi Elomar cantar o aboio encantado a primeira vez. O canto gravado na Bahia chegou a São Paulo e foi escolhido para ser a paisagem sonora da entrada da exposição. Na apresentação de Elomar no Auditório Ibirapuera, esse aboio abriu e fechou o show, outra vez vivo na voz do Bode.

## As cores do amor

Voltei a ver Elomar se apresentar, além dessa noite, outras tantas vezes. Sempre, a casa cheia e filas enormes de admiradores após os espetáculos. Em todos eles, ouvi o aboio.

O último concerto que vi foi em Salvador, em julho de 2018. O teatro estava lotado. Elomar dividiu o palco com alguns amigos, entre os quais estava o cantor Fábio Paes (Serrinha, Bahia, 1951), e se configurou uma situação de encanto, que outras vezes vi surgir na fricção do sertão profundo de Elomar com a contemporaneidade, para ele degenerada pelo monstro do moderno.

Elomar e seu discurso anacrônico sobre os costumes relacionados às liberdades sexuais encontraram em Paes um contraponto político e filosófico; e certos modos de pensar que hoje geram um linchamento sem perdão, naquele palco, foram uma lição de amor. Enquanto Elomar fazia pouco das liberdades individuais, Paes louvava a Guerra de Canudos (1896-1897), Che Guevara (Ernesto Guevara de la Serna, Argentina, 1928 – Bolívia, 1967) e as tradições libertárias.

Elomar e seu monumento ao sertão brasileiro estão a salvo do tempo e, por mais que ouça suas músicas, elas não deixam de me tocar. Por mais que ouça falar de amor, ele não deixa de me emocionar. Em suas muitas faces. Uma delas é o respeito: como não respeitar o diverso, o contrário? É mais fácil enveredar por caminhos de ódio e defesa de uma opinião do que aprender com o diferente, o oposto. Para digerir o sertão, abrace o oposto e cante seu aboio. 



## Carlos Costa

É jornalista. Nascido no Recife (PE), tem apreço por lua, estrada e som de cancela, mas está há oito anos morando em São Paulo. É coordenador de comunicação do Itaú Cultural, onde participou dos processos curatoriais da *Ocupação Elomar* e da *Ocupação Nise da Silveira*, além de outras mostras.